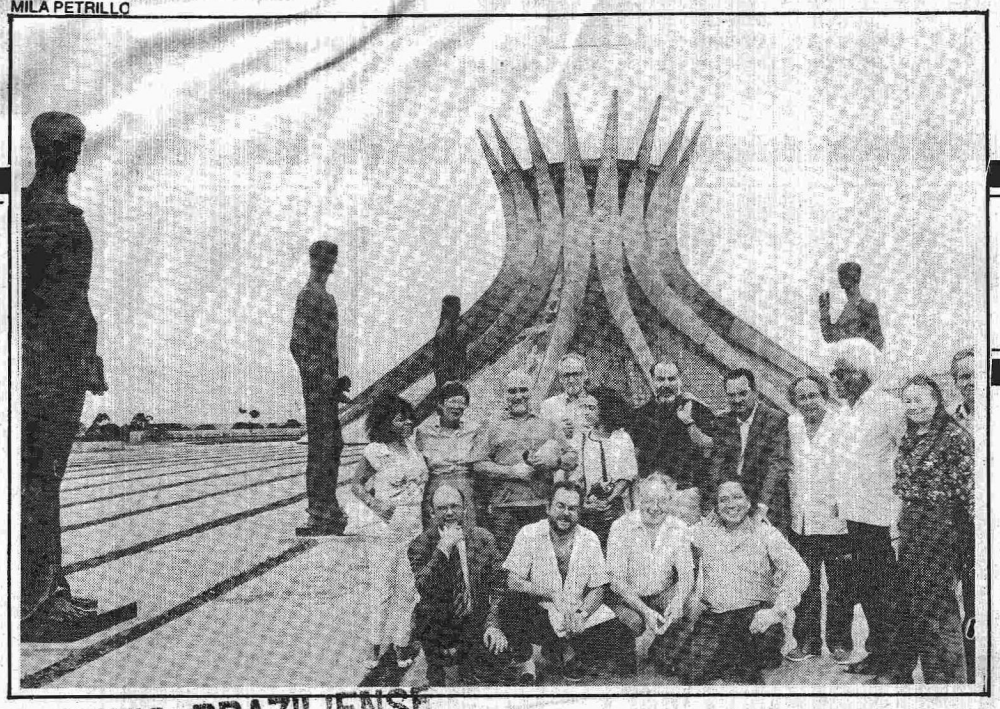
MILA PETRILLO



O Passeio dos Escritores

Todos os escritores estrangeiros reunidos para um tour normal pela cidade: Cadê a idéia meio socialista que ninguém vê? perguntavam

CORREIO BRAZILIENSE
21 ABR 1988
DF

Onde está o lado meio socialista de Brasília?

Fotos, souvenirs, pedras semipreciosas. A turma de mais de 20 escritores latino-americanos e europeus que percurreu os pontos turísticos da cidade na manhã de ontem se comportou como qualquer visitante estrangeiro que chega a Brasília — Patrimônio Cultural da Humanidade. E não poderia ser diferente: o percurso escolhido seguia à risca o passeio proposto comumente pelas agências de turismo da cidade. Só que os escritores pareciam não se importar com isso. Apesar de terem de conhecer tudo de forma corrida — o atraso de quase duas horas na saída do hotel impossibilitou uma visita mais detalhada a cada local —, os integrantes do **I Simpósio Internacional de Literatura** conseguiram obter uma imagem geral da capital do País.

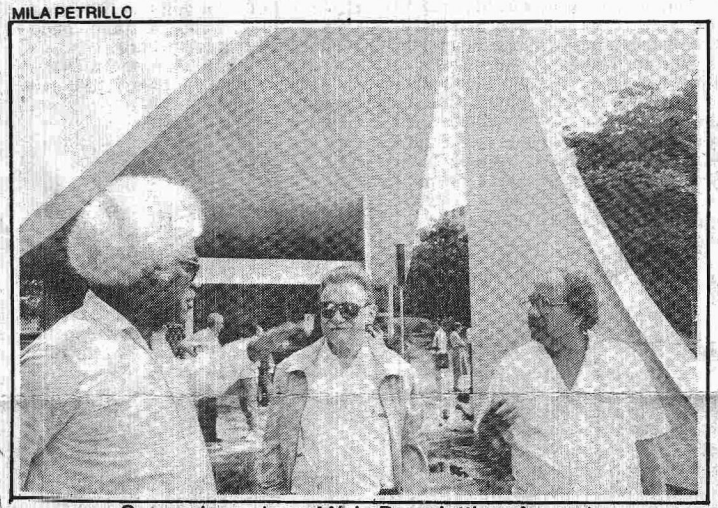
O **tour** por Brasília incluiu a visita aos lugares mais conhecidos da cidade. Em todos eles, era explícita a dificuldade dos dois guias (um para as explicações em espanhol, outro para o francês) em reunir a turma toda. O passeio começou pela Igrejinha — onde os escritores ficaram menos de cinco minutos. O lugar é pequeno, é certo, mas alguns não se interessaram nem em conhecê-lo por dentro, ao contrário do representante da Feira do Livro de Bogotá, David Majia Velilla, que se ajoelhou para rezar.

O Santuário Dom Bosco parece ter sido o que mais arrancou expressões de admiração dos escritores. "Eso si és muy bello!" — dizia o escritor cubano Severo Sarduy. Já o marroquino Tahar Ben Jelloun se entusiasmava com a idéia de que algumas pessoas pudessem assistir a cerimônias cotidianas no local. E George Lamming, um escritor de Barbados, dizia que o templo era "magnífico, tremendo".

Do Santuário, os escritores partiram para o Memorial JK, que estava parcialmente bloqueado pelo pessoal da limpeza e manutenção. Nada que fosse comprometedor ou que pudesse impedir opiniões como a de Severo Sarduy. O escritor cubano — exilado em Paris — quis saber se o corpo de Juscelino estava enterrado no local. E disse: "Há um clima de Egito, um ar meio faraônico aqui". Entre os integrantes da excursão, um nome se destacava literalmente: o uruguaio Mário Benedetti parecia não ter muita paciência para os passeios turísticos. Saía de seu ônibus (havia dois ônibus da Viplan, acompanhados de uma Radiopatrulha com três policiais), conhecia rapidamente o lugar e logo entrava na viatura para descansar. E dele esta impressão: "É a primeira vez que estou vendo Brasília. É uma cidade muito particular. Sob o ponto de vista estético, é muito bonita, mas não sei como será viver aqui".

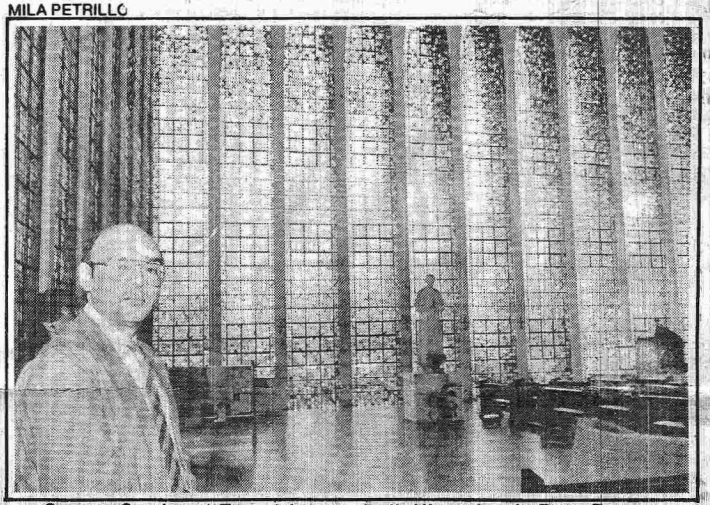
Foram apenas duas horas e meia de passeio pela cidade. O suficiente para que alguns escritores questionassem o encaminhamento dado ao plano original da cidade ("A idéia era meio socialista e não é o que se vê", falavam), mas se curvassem diante do talento de Niemeyer. (C.M.)

MILA PETRILLO



George Lamming e Mário Benedetti em frente à Igrejinha, uma visita rápida

MILA PETRILLO



Severo Sarduy: "Eso si és muy bello!", na Igreja Dom Bosco. No Memorial JK, ele sentiu "um clima de Egito"